

Trabalhadores desapropriados: uma breve análise comparativa entre os séculos XV e XXI.

Adrielly Monteiro Moreira

Filiação Institucional: Ufal

Introdução/Objetivo(s)

Este trabalho tem o objetivo de estabelecer uma breve análise na relação entre o século XV e XXI, tendo em vista que ambos expressam períodos importantes da história do capitalismo: sua gênese, que compreende, por volta dos anos de 1400, na Europa, e os seus desdobramentos mais recentes nos últimos cem anos, cujo salto no desenvolvimento tecnológico converge com a criação de diversas modalidades de empregos, com ênfase no Brasil. A conexão entre essas duas fases e territórios distintos consiste na desapropriação dos trabalhadores, de modo que estão alheios aos seus meios de trabalho.

Desenvolvimento

No século XV se iniciava o processo da gênese capitalista na Europa, marcada por dois acontecimentos: o cercamento das terras comunais e a desapropriação das ferramentas dos trabalhadores. Outrora, feudais, se transformavam, naquele momento, em urbanos. Estes foram lançados, compulsoriamente, às cidades, sem nenhum tipo de proteção trabalhista, “jogados à própria sorte”.

Seis séculos depois, a reestruturação capitalista, cria uma nova categoria de trabalhadores, geridos por aplicativos, sem proteção trabalhista que transitam pelas metrópoles, exercendo diversas funções no setor de serviços.

Percebe-se que, em seu primeiro momento, na sucessão de acontecimentos que precedem o estabelecimento do capitalismo, na fase da chamada acumulação original, os camponeses foram expropriados, perderam seus meios de subsistência, bem como sofreram com a migração para as nascentes cidades, sem terem um função estabelecida, apenas buscavam alguma forma de sobrevivência.

É consenso, entre os autores, a inexistência de uma época feudal no Brasil, não existe na história nacional um período no qual os trabalhadores possuíam ferramentas ou terras, diferente da Europa. Ao decorrer dos anos, o capitalismo transforma-se, sendo tardio em alguns territórios, mas em todas as suas fases, não perde a sua essência: distanciar, paulatinamente, os trabalhadores dos meios de produção. Hoje, os trabalhadores digitais, existem em diversas cidades brasileiras, são gerenciados por monopólios tecnológicos, prestam serviços para até duas plataformas simultaneamente, no entanto, estão completamente desassociados das suas ferramentas de trabalho, tal qual aconteceu na Europa, na época pré capitalista. Não existe a possibilidade de reproduzir um movimento Ludista, por exemplo, como uma forma de reivindicação de direitos, pois as máquinas tornaram-se invisíveis, estão disfarçadas de aplicativos, despersonalizados do proprietário da fábrica. Não há como “tomar os meios de produção”, pois eles estão cada vez mais distantes da classe trabalhadora cujo poder está tão fragilizado quanto no século XV.

Conclusão

O desenvolvimento capitalista oferece as bases para refinar as formas de exploração, as quais são inerentes ao seu funcionamento. Anteriormente, os operários possuíam uma relação contígua com os meios de produção, proximidade esta que foi se esvaindo, com o advento da tecnologia. Esse contexto forjou uma realidade na qual os trabalhadores estão sendo comandados via plataforma, não existe a figura do capitalista, não se sabe quem compra a força de trabalho. As relações estão modificadas de modo que se assemelham ao século XV, na era da acumulação cuja realidade era marcada por homens e mulheres perdidos nas cidades, sem saberem a quem iriam servir.

Referências

MARX, Karl. **O capital**: Livro I. 1º Ed. São Paulo: **Boitempo**, 2013.